PANDEMIA POR COVID-19 E ISOLAMENTO SOCIAL: UMA LEITURA SOBRE ESPAÇOS CULTURAIS

Kátia Costa [1]
Plínio Rattes[2]

RESUMO

O presente texto foi elaborado com base em depoimentos de dez profissionais do campo da cultura que atuam na gestão de espaços culturais localizados em diferentes estados brasileiros, que foram instados a compartilhar, por meio de um formulário *on-line*, suas experiências e reflexões acerca dos impactos causados pela pandemia de COVID-19 no dia a dia dos espaços de cultura nos quais trabalham.

Parafraseando o patologista e médico social Rudolf Vircow (1821-1902), a pesquisadora aposentada da FIOCRUZ, Dina Czeresnia, diz em seu mais recente artigo publicado no site da Associação Brasileira de Saúde Coletiva, que "a história das doenças epidêmicas deve ser uma parte inseparável da história cultural da humanidade" (2020, n.p.). Isso nos leva a refletir sobre o momento pandêmico em que nos encontramos e a ponderar acerca da conjuntura geopolítica atual, que tem desencadeado processos pouco comprometidos com a proteção da vida e mais com os interesses capitalistas contemporâneos. Segundo Czeresnia,

> *No século XXI, não faz sentido demarcar epidemias "naturais" de "artificiais". O contexto da pandemia atual é indissociável dos alertas contra desordens climáticas produzidas por queimadas, desmatamentos, queima de fósseis combustíveis; consumismo desenfreado; alta concentração de renda e desigualdade extrema. (CZERESNIA, 2020)*

A maneira como os ecossistemas são tratados reflete a força dos interesses econômicos das grandes corporações e governos, sobretudo, aqueles tachados de neoliberais. O acúmulo de dividendos financeiros e

1 Pesquisadora do Observatório da Diversidade Cultural (ODC). E-mail: katiacosta.cult@gmail.com
2 Pesquisador do Observatório da Diversidade Cultural (ODC). E-mail: pliniorattes@gmail.com

poder político-econômico estão acima de qualquer entendimento sobre a importância da proteção, promoção e equidade da diversidade cultural e ambiental. Diante desse contexto, nos debruçamos a refletir sobre o campo da cultura, em especial acerca do impacto da COVID-19 sobre os espaços culturais, sem perder de vista a conjuntura em que estamos inseridos.

No site Mapas Culturais[3] que congrega os dados do antigo cadastro do Sistema Nacional de Informações e Indicadores Culturais (SNIIC), mantido pelo governo federal, estão registrados **19.165 espaços culturais no país**, que se destinam a criação, produção e difusão artístico-cultural e são diversos em características, objetivos, públicos-alvo e conteúdo. Esses locais são muito importantes para a dinâmica cultural das cidades porque abrigam variadas práticas culturais e manifestações artísticas, bem como por sintetizar a cadeia produtiva da cultura na medida em que acolhem em suas dependências a criação, a difusão e o consumo.

Além disso, é fundamental ressaltar a função social que os espaços culturais ocupam. Em muitos municípios brasileiros, eles contribuem para a sociabilidade e convivência das pessoas, pois não só desempenham uma função artística e cultural, mas atendem a demandas de eventos sociais. Também ampliam o leque de atividades, constituindo-se como espaços de construção de sentidos, de conhecimentos e de práticas diversas que impactam diretamente nas dinâmicas locais e territoriais. Refletem, ainda, nos modos de produção dessas localidades e nas relações de apropriação cultural pelas comunidades envolvidas.

A pandemia de COVID-19 assola e assusta todo o mundo desde o início do ano de 2020, causando feitos inéditos na vida contemporânea. Para além da crise sanitária, a pandemia e o consequente isolamento social, apontado como principal alternativa para combater o contágio pelo vírus, vêm provocando perdas consideráveis para a economia da cultura. Dentre os impactos está o fechamento de inúmeros espaços culturais pelo país, que pode ser avaliado por diferentes ângulos. Esses locais foram atingidos em cheio pela pandemia, mas não apenas por ela. Desde pelo menos o ano de 2016, o campo da cultura vem sendo desmantelado no que diz respeito à formulação e à implementação de políticas públicas, somado

3 O Mapas Culturais é um banco de dados disponível on line que congrega o antigo cadastro do Sistema Nacional de Informações e Indicadores Culturais (SNIIC) e é integrado a outras bases de dados da Secretaria Especial da Cultura, como a Rede Cultura Viva, o Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas e o Cadastro Nacional de Museus. Disponível em: <http://mapas.cultura.gov.br/>.

a uma conduta neoliberal e extremamente conservadora adotada como prática pelo atual governo federal. Essas questões não só impedem o desenvolvimento e fortalecimento do setor cultural como subvertem a lógica do direito à cultura pela população, conforme preconiza a Constituição Federal de 1988.

Assim, o desmonte das políticas culturais no país associado à pandemia configura um cenário trágico e insustentável para a sobrevivência não apenas de espaços culturais mas, sobretudo, dos profissionais que ali atuam direta ou indiretamente.

Por trás de cada espaço cultural fechado, a princípio temporariamente, estão inúmeros profissionais que foram empurrados ainda mais para uma conjuntura de vulnerabilidade socioeconômica. Segundo dados do IBGE do ano de 2018, estima-se que o número de pessoas que trabalham no setor cultural no Brasil gire em torno de 5,2 milhões, o que representa 5,7% das ocupações. A pesquisa aponta também que parte significativa destes profissionais, 44%, não possui renda fixa ou carteira assinada e desenvolve suas atividades de forma autônoma ou informal. Esse contexto de instabilidade e insegurança trabalhista torna ainda mais crítica a situação do campo da cultura.

Diante desse panorama, com o intuito de compreender melhor a conjuntura atual em que estão inseridos os espaços culturais no contexto de pandemia por COVID-19, o ODC ouviu dez gestores, produtores e artistas responsáveis pela gestão de alguns espaços culturais[4] a partir de um formulário *on-line*.

Com o objetivo de obter olhares diversos, definimos como critério atrair para a pesquisa espaços culturais presentes em diferentes localidades do país. Assim, participaram espaços localizados em quatro das cinco regiões do país, em municípios de pequeno, médio e grande portes, seja em regiões centrais ou periféricas, com diferentes perfis de atuação. Metade deles é mantida pelo poder público (municipal, estadual ou federal) e a outra metade pela iniciativa privada, por associações, coletivos ou grupos artísticos, conforme a seguir.

4 Agradecemos a disponibilidade dos profissionais que gentilmente aceitaram participar desta pesquisa. A definição dos espaços culturais pesquisados tomou por base a diversidade de conteúdo, porte e localização.

Espaços culturais que participaram da pesquisa				
Nordeste				
Instituição / Espaço Cultural	**Profissional entrevistado**	**Mantenedor**	**População IBGE**	**Localização territorial**
Casa de Cultura e Saberes Rosemberg Cariry	Antonio Freire	Associação Cultural Curumins do Sertão	132.123	Crato (CE) / Interior do Estado
Casa da Cultura de Teresina	Jôsy Brito	Público municipal	864.845	Teresina (PI) / Centro da cidade
Teatro Municipal João Paulo II	Francisco de Castro	Público municipal		Teresina (PI) / Bairro Dirceu Arco Verde
Teatro Castro Alves	Rose Lima	Público estadual	2.872.347	Salvador (BA) / Centro da cidade
Jam Music & Bar	Jamerson Silva	Privado		Salvador (BA) / Periferia (cajazeiras)
Coletivo Pachamãe de integração Latino Americana	Camila Melo	Privado		Salvador (BA) / Periferia (cidade baixa)
Norte				
Instituição / Espaço Cultural	**Profissional entrevistado**	**Mantenedor**	**População/ IBGE**	**Localização**
Diretoria de Cultura (Palácio da Cultura Cora Coralina)	Noracy Borges	Público municipal	51.252	Paraíso do Tocantins (TO) / Centro da cidade
Teatro Porão Cultural da UNIPOP - Instituto Universidade Popular	Alexandre Luz	Privado (financiamento estrangeiro)	1.492.745	Belém (PA) / Umarizal – Centro-sul de Belém
Sudeste				
Instituição / Espaço Cultural	**Profissional entrevistado**	**Mantenedor**	**População/ IBGE**	**Localização**
Associação Cultural e Educacional Circense Tápias Voadores	Viviane Tapia	Privado (parcerias com o poder público)	140.522	Teófilo Otoni (MG) / Interior do Estado
Sul				
Instituição / Espaço Cultural	**Profissional entrevistado**	**Mantenedor**	**População/ IBGE**	**Localização**
UFRGS-Departamento de Difusão Cultural	Claudia Boettcher	Público federal	1.483.771	Porto Alegre (RS) / Centro da cidade

Fonte: Elaboração dos autores, com base nas informações coletadas na pesquisa e no IBGE.

Dos dez espaços culturais pesquisados, a maioria mantém os contratos firmados com trabalho remoto, e apenas um manteve os contratos sem exigência de tipo de trabalho. Os demais não possuem contratos firmados, porque as atividades são realizadas por voluntários ou por prestadores de serviços (colaboradores externos).

Todos os espaços pesquisados informaram que se encontram com as atividades suspensas. Foi possível verificar, no entanto, que o impacto disso se dá de maneira distinta entre os espaços públicos e privados. Estes últimos, por exemplo, têm como principal fonte de recursos para a sua manutenção as receitas advindas das ofertas de serviços que oferecem à comunidade. Artistas e outros profissionais das artes, principais agentes que utilizam esses locais para a realização de atividades remuneradas como oficinas, cursos, apresentações artísticas, serviços técnicos, entre outros viram essas fontes desaparecer da noite para o dia.

Quanto maior e mais diversificada a oferta de serviços, maior o impacto na cadeia produtiva. Isso não desmerece a atenção aos espaços de menor porte, como é o caso do Jam Music Bar e Coletivo Patchamãe, respectivamente localizados em bairros periféricos de Salvador, e o Teatro Porão Cultural da UNIPOP - Instituto Universidade Popular, situado em Belém do Pará. Este último, além dos desafios que encara em seu cotidiano devido às características climáticas diferenciadas onde está inserido, com intensas chuvas, lidam também com os riscos impostos pelo fechamento temporário, como a possibilidade de invasões e roubos dos seus materiais e equipamentos.

Apesar de a maioria tecer comentários sobre os aspectos negativos ocasionados pela pandemia que mais atingem os espaços culturais, alguns gestores destacam como positiva a possibilidade de se desenvolver planejamentos que visem criar novas oportunidades de trocas a partir do ambiente virtual, com a propagação de atividades *on-line*. É o caso da Diretoria de Difusão da URFGS, que afirma ser preciso se apropriar das ferramentas digitais na busca de novas formas de diálogo com os diferentes públicos, visando uma mediação cultural e artística para além dos espaços culturais físicos. É transpor barreiras para assim, manter a produção cultural viva e presente no cotidiano das pessoas, bem como manter a fidelização daqueles que já se envolvem com a arte e a cultura, como também cativar novos públicos.

Questionados sobre como estão redesenhando a programação ofertada pelos espaços durante a pandemia, quase todos apontaram a realização de atividades remotas, oferecidas por meio digital e plataformas *on-line*. Dentre as principais redes sociais utilizadas estão o *Instagram*, *YouTube*, *Facebook* e *WhatsApp*.

Na Bahia, o Teatro Castro Alves, um os maiores equipamentos culturais públicos do Estado, que possui dois corpos estáveis, a Orquestra Sinfônica da Bahia (OSBA) e Balé do Teatro Castro Alves (BTCA), readequou a programação para o ambiente virtual, tanto as atividades formativas, como as apresentações artísticas, e renomeou alguns projetos conhecidos pelo grande público, a exemplo do Domingo no TCA, que passou a ser chamado de Domingo no TCAemCasa.

Há, no entanto, aqueles espaços que encontram dificuldades no desenvolvimento de atividades *on-line*, por não possuírem acesso a uma boa rede de internet, como a Casa de Cultura e Saberes Rosemberg Cariry. Realidade esta que faz parte da vida de 47 milhões de brasileiros, que é o quantitativo de pessoas que não usa a internet no país, segundo pesquisa realizada pela TIC Domicílios, do Comitê Gestor da Internet (BRIGATTO, 2020).

No que diz respeito à elaboração de protocolos de segurança para uma possível retomada das atividades presenciais, ao menos cinco espaços culturais apontaram estarem em processo de elaboração de um conjunto de regras, com base em diretrizes estabelecidas pelas autoridades sanitárias. Dois deles, contudo, indicaram que não estão planejando o retorno porque não dispõem de recursos para colocar em prática as iniciativas exigidas para oferecer a segurança necessária aos públicos e colaboradores dos espaços.

Quando questionados se os impactos da pandemia podem gerar um processo de inovação no que se refere à atuação dos espaços culturais, as respostas são distintas, no entanto, a maioria considera que haverá mudanças, seja no trato com o público, seja pela continuidade das ferramentas digitais como suporte para a manutenção de uma programação virtual. Muitos acreditam, porém, que será possível voltar a um estado de "normalidade", mesmo que essa normalidade não garanta ou mantenha o modelo de gestão existente antes da pandemia.

O desejo de mudança e inovação está presente nas falas dos gestores,

mas isso só ocorrerá mediante o enfrentamento de alguns desafios, considerando especialmente o contexto político-institucional que atinge os três níveis da federação, especialmente os municípios de pequeno porte, muitos dos quais se localizam em regiões precárias e desassistidas.

Vale destacar o sentimento de Jôsy Brito, gestora da Casa de Cultura de Teresina, que afirma o desejo de mudança e que este propicie a vitalidade do espaço cultural, pois este compõe a história da cidade, constituindo-se como um patrimônio. A gestora reitera também, que mesmo que haja o incremento das novas tecnologias para a disponibilização de uma programação cultural, o desafio é manter a presença do público. Nesse sentido, voltamos à importância da ocupação desses espaços pelas pessoas, o que de fato gera apropriação e empoderamento, seja por parte dos espaços culturais e suas equipes, seja pelo público que o frequenta presencialmente, experiências que o ambiente virtual jamais dará conta.

Francisco Castro, gestor de um espaço periférico em Teresina, o Teatro Municipal João Paulo II, ressalta as incertezas sobre o que o momento faz emergir e que será preciso repensar sobre as formas de atuação, em especial com os públicos escolares, tão frequentes no Teatro que administra.

No geral, todos acreditam em um processo de inovação, mas fica evidente que o sentido não é o mesmo para todos, pois está diretamente ligado ao perfil de atuação desses espaços e às competências e habilidades dos gestores quanto às condições que lhes serão permitidas para que atuem e construam novos processos.

Ao tratarmos sobre a Lei de Emergência Cultural Aldir Blanc[5], perguntamos como avaliam a possibilidade de transferência de recursos para espaços culturais e se seus espaços serão beneficiados com os recursos. A maioria considera uma oportunidade de apoio que contribuirá para a manutenção desses espaços. Dos dez gestores entrevistados, sete acompanharam as discussões sobre a Lei, um demonstra preocupação com a aplicação do recurso, outro reconhece desconhecer sobre o assunto e um último não acompanhou de perto os debates.

No caso dos espaços públicos, estes não receberão o auxílio emergencial devido a sua vinculação institucional, mas os privados visam

5 A Lei de Emergência Cultural Aldir Blanc, sancionada em junho, estabelece um conjunto de ações para garantir uma renda emergencial para trabalhadores da área da cultura, além da manutenção dos espaços culturais durante a pandemia da COVID-19. Disponível em: <http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-14.017-de-29-de-junho-de-2020-264166628>

o uso dele para investir na manutenção e reformas, aquisição de materiais e equipamentos, além de pagamento de dívidas. Mesmo os públicos, reconhecem a importância da manutenção desses espaços no que se refere ao abrigo dos profissionais contemplados com suas propostas artísticas e culturais.

A maioria destaca a importância desse recurso, não só para a manutenção dos espaços mas, sobretudo, para o investimento nos profissionais e nas cadeias produtivas da cultura. Essa é a grande preocupação do setor, tendo em vista que a ausência de políticas e investimentos na área sempre manteve a classe desprovida de oportunidades continuadas de trabalho e renda, sendo a pandemia uma bomba relógio que faz transbordar de forma escancarada a desigualdade de condições que os profissionais da área vivem, especialmente aqueles que margeiam os circuitos mais organizados da produção cultural.

Alguns apontamentos finais

Este breve texto buscou compilar impressões e reflexões sobre a problemática vivida pelos espaços culturais durante a pandemia de COVID-19, embora uma escala pequena de respondentes, mas bastante diversa e elucidativa, considerando os perfis dos espaços participantes.

Foi possível reunir depoimentos de gestores de diferentes níveis de formação e atuação no campo da cultura, que demonstraram estar cientes sobre os desafios para que o repasse de recursos previstos na Lei Aldir Blanc ocorra, e que estes cheguem o mais breve possível até a base da pirâmide logrando, assim, contribuir para atenuar as perdas acumuladas desde março passado, quando foi deflagrado o isolamento social.

Fica evidente na fala dos respondentes, e nós corroboramos, que o descaso e a descontinuidade das políticas públicas se constituem como um marco na gestão da cultura, impactando sobremaneira nas dinâmicas culturais locais. Obviamente, a Lei Aldir Blanc não resolverá todas as questões que impactam a sobrevivência dos espaços culturais. Contudo faz emergir em primeira escala uma discussão sobre a importância desses locais como lugares que abrigam ações e práticas culturais. Outra importante questão é o reconhecimento de qualquer pessoa que exerça

uma atividade artística ou cultural, não sendo necessário estar formalizada. Por fim, a Lei Aldir Blanc vem desencadeando uma intensa (re)articulação de diferentes setores da cultura, com envergadura nacional, propiciando, dentre outras, coisas uma profunda reflexão sobre as políticas e a gestão cultural no país consideradas à luz dos contextos regionais e locais.

No que diz respeito aos processos inovadores ocasionados pela pandemia, tema abordado na pesquisa, nos provoca a questionar sobre qual o conceito de inovação estamos falando se considerarmos os contextos e recursos disponíveis para desenvolver essas ações. Essa reflexão deve estar associada ao contexto de cada espaço, pois para o Teatro Castro Alves ou para a Diretoria de Difusão Cultural do UFRGS isso certamente contempla, dentre outras coisas, o incremento no uso das novas tecnologias, mas para os espaços culturais de pequeno porte pode estar relacionado a simples maneira de moldar as atividades de modo que garantam o distanciamento necessário entre as pessoas.

Considerando, ainda, os espaços localizados em municípios pequenos, marcados historicamente pela grande carência de recursos, não podemos deixar de ponderar sobre a sua manutenção para além do período pandêmico. A continuidade de processos que incentivem cada vez mais o reconhecimento do direito à cultura como um elemento central no desenvolvimento social, humano e cultural, envolve, sobretudo, investimentos em infraestrutura, recursos humanos, tecnologia e programação.

Os espaços culturais ocupam um lugar central na difusão de saberes e práticas, bem como na democratização e a democracia culturais. A cultura e a arte são lugares de trocas, de contatos e de interação que envolvem criatividade e emoção. Para que haja essa interação, o artista necessita estar e ver o seu público, sentir a sua emoção a partir da sua prática. A pandemia pode nos levar para muitos caminhos, mas não deverá nos distanciar daquilo que move a humanidade, que é a ação de criar e viver, a possibilidade de sentir o outro, na sua alegria e no seu bem-estar, esta é uma função própria da arte e da cultura.

REFERÊNCIAS

BRIGATTO, Gustavo. **Acesso à internet cresce no Brasil, mas 28% dos domicílios não estão conectados**. Valor Econômico. São Paulo. 26 de maio de 2020. Disponível em: <https://valor.globo.com/empresas/noticia/2020/05/26/acesso-a-internet-cresce-no-brasil-mas-28percent-dos-domicilios-nao-estao-conectados.ghtml>. Acesso em: 13 jul. 2020

CZERESNIA, Dina. **COVID-19 é parte da história cultural**. Associação Brasileira de Saúde Coletiva. 29 abr. 2020. Disponível em: <https://www.abrasco.org.br/site/noticias/especial-coronavirus/covid-19-e-parte-da-historia-cultural-artigo-de-dina-czeresnia/47505/>. Acesso em: 14 jul. 2020.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades e Estados,** 2019, Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados>. Acesso em: 13 jul. 2020.

Setor Cultural emprega 5,7% dos trabalhadores brasileiros. **Biblioo Cultura Informacional.** Carta Capital, 9 de dezembro de 2019. Reportagens. Disponível em <https://biblioo.cartacapital.com.br/setor-cultural-emprega-57-dos-trabalhadores-brasileiros/>. Acesso em: 12 jul. 2020.